

Comentários dos autores

Author's comments

César Sabino¹
Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho²

¹ Sociólogo. Professor Adjunto no Departamento de Estudos Políticos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

² Nutricionista. Professora Adjunta do Instituto de Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisadora do Núcleo de estudos sobre Cultura e Alimentação (NECTAR) do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Correspondência / Correspondence

César Sabino

E-mail: cesarsabino@hotmail.com

Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho

E-mail: mariaclaudaveigasoaresh@yahoo.com.br

Gostaríamos de agradecer a paciência e a boa vontade dos renomados pesquisadores que tiveram a bondade de realizar o esforço de ler nosso trabalho. Sentimo-nos profundamente honrados com a consideração e a atenção que nomes de grande destaque nas Ciências Sociais e Saúde no mundo de língua portuguesa nos dedicaram ao escreverem sobre nosso artigo.

A princípio gostaríamos de ressaltar que o artigo, como puderam bem perceber, é apenas uma breve tentativa de elaborar uma História das Ideias das Ciências Sociais, mormente da Antropologia Social, visando a sugerir alguma diferença no objeto que achamos não ter sido destacada com devida ênfase pela tradição historiográfica que se debruça sobre o tema do estrutural-funcionalismo ou teoria dos sistemas que é o problema da *dinâmica* e da *mudança social*. Associado também ao crônico aspecto da inter-relação entre ação e estrutura. Portanto, a princípio o trabalho pretende traçar um pequeno apanhado sobre a constituição da Antropologia Social, e, apenas depois esbarra na questão da dinâmica sistêmica. Nosso objetivo principal, como destacado pela Professora Madel Luz e pelo Professor Francisco Romão, além daquele de traçar uma história sucinta da corrente de pensamento socioantropológica referida, apontar para o fato como a mesma ressalta os caracteres permanentes e anistóricos

das sociedades, buscando por outro lado demonstrar que esses elementos tanto simbólicos como empíricos, infinitamente conjugados formam diferentes processos e conjuntos histórico culturais. Essa foi a principal função, para ser redundante, que o texto visou, de fato. E ao assim fazer buscou demonstrar, sem seguir nenhum autor específico ou corrente acadêmica, não sabemos se com algum sucesso, destacar do(a)s mesmo(a)s ferramentas metodológicas que continuam extremamente úteis para a pesquisa tanto teórica como de campo. De fato, não é a alimentação ou ainda, a comensalidade o objeto central do estudo. O tema alimentação acabou, por se tornar assintótico como a Professora Luísa Silva reforça em sua réplica. Servindo mais como um suporte à argumentação teórica que como objeto de estudo a alimentação se apresenta como coadjuvante no texto. Isso pelo simples fato de que não é ela o objeto principal do mesmo, e, sendo assim, qualquer outro tema poderia ter entrado em seu lugar.

Para que possamos esclarecer os questionamentos relacionados ao tema central do artigo precisamos ressaltar o significado da palavra estrutura no texto e, por conseguinte, sua ligação com o que entendemos por mudança social. Estrutura como é usado aqui é o conjunto de elementos que constituem a *função* do espírito – pensamento –, similar aos *a priori* kantianos. Não é uma armação essencial imutável similar ao conceito platônico de Ideia, mas o conjunto de elementos e funções universais da mente. Neste aspecto, estes elementos que são funções universais podem se combinar de maneira infinita formando vários topos culturais distintos e sempre dinâmicos. Mesmo que pareçam eternos (como pareceriam em sociedades primitivas e tradicionais) estes topos mudam, pois o conjunto ou sistema classificatório muda em diferentes velocidades de acordo com a necessidade ou os problemas referentes ao entorno que cerca o sistema. Desta forma, tanto o sistema simbólico (o conjunto de funções classificatórias) como o sistema social (a organização social empírica com suas organizações, papéis e instituições) que estão interligados mudam ou se transformam para se adaptarem aos seus entornos visando à sobrevivência; em outras palavras, visando sua manutenção e expansão. Desta forma, procuramos associar, como foi dito, a concepção racionalista de estrutura com a empirista ou britânica buscando sair da tradicional visão metafísica de estrutura. Destarte, tanto o sistema simbólico recria a partir de elementos preexistentes (estruturas) novas formas de ver e classificar o mundo como o sistema social (as práticas, as organizações e instituições) também recria maneiras de se adaptar e adequar aos problemas que o ameaçam; processo que leva à dinâmica e à transformação social. Com efeito, tanto problemas internos como externos servem de elemento necessário da dinâmica social em um movimento que pode levar ao aprimoramento geral do sistema ou a sua falência. Encaramos desta perspectiva o conceito de gastro-anomia utilizado por Claude Fischler.

Se por um lado como atesta a Professora Luisa Silva ele é útil para apontar as falhas e corrosões institucionais expressas pela falência da comensalidade, por outro ele se detém única e exclusivamente neste aspecto da questão em um movimento típico dos teóricos das Ciências Sociais

que é a descrição de uma parte da realidade social sem contudo tentar observar as possibilidades de mudança e adequação que a mesma porta. O conceito foi, continua sendo e provavelmente continuará útil para descrever a força com que o capitalismo e as sociedades contemporâneas produzem ausência de solidariedade e coesão social – é muito útil para apresentar o problema –, porém, é preciso também perceber como e de que maneira as sociedades, diga-se: os agentes sociais, lidam com os problemas e de que forma tentam elaborar táticas e estratégias para suportá-los ou superá-los contribuindo para produzir a dinâmica do sistema. Por outro lado não negamos que nesse processo haja continuidade de determinados elementos (representações e práticas e suas estruturas); talvez não tenhamos sido claros neste aspecto, posto que vemos dinâmica social como processos de adequações sistêmicas que tendem a manter suas “armações” formais; por outro lado, percebemos mudança estrutural (no sentido das práticas) como uma mudança na qual não apenas o contexto simbólico se transforma, mas o próprio sistema social também se transforma o que modifica todo o edifício constituído pelas relações sociais – contudo, o que entendemos por estrutura permanece, pois é função *a priori* ou formal da mente não importando o conteúdo que organiza.

Sendo assim, ocorreram mudanças nos processos alimentares ao longo de milênios, não há muito que se discutir sobre isso, contudo, a função da comensalidade, apesar de toda gastro-anomia contemporânea se refaz e se mantém ao longo do tempo, mesmo algumas vezes enfraquecida. O fato de um grande número da população comer só em balcões sem produzir associação solidária não a impede, em outras circunstâncias, mesmo esporádicas, de realizar relações comensais com amigos ou familiares, até mesmo nas mesas e lojas do Mac Donald's. Não entra em julgamento aqui o valor do gosto ou o seu aprimoramento ou suposto grau civilizatório.

Desta feita, entendemos que o questionamento é uma forma de compreender melhor as concepções e teorias dos autores vistas apenas como instrumentos (a serem sempre aperfeiçoados ou mesmo abandonados se necessário) e que a questão relativa ao conceito tomado de empréstimo a Durkheim que apontamos na concepção de gastro-anomia de Fischler, seria: para quem o comer moderno, ou o *fast food* americano é ‘sem sentido’? Ou qual grupo da sociedade ocidental não toma também o biopoder ou normatividade, nos termos de Foucault, como potencia ou motivação para a produção e construção de sentidos? Produzindo a partir dele um contrapoder, ou contra-biopoder, mesmo momentâneo, eventual e que permita linhas de fuga da opressão sistêmica. Como o próprio autor inúmeras vezes ressaltou, o poder também produz, não apenas oprime e onde ele existe há também o contrapoder e, nesse sentido, seria possível dobrar as forças que nos agenciam a partir e dentro de seus próprios agenciamentos. Cabe o pesquisador perceber como atores e grupos elaboram essas novas práticas e novas formas de ver e perceber o mundo ou mesmo senti-lo. Se a sociedade é uma máquina de fazer e produzir deuses e crenças, o ser humano é uma usina de produzir sentidos e significados constantes, disso depende sua capacidade de sobreviver como ser simbólico e cultural que é.

A título de modesta e respeitosa provocação colocamos a seguinte pergunta: a associação do potencial das regras higiênico-sanitárias de uma comensalidade antisséptica com um projeto futuro de saúde organizada em redes sociais virtualizadas que tanto estruturam quanto são estruturados por uma promoção de saúde estetizada em detrimento da clássica oposição às doenças – não seria uma mudança estrutural, não ao molde do que concebemos como estrutura, mas nos moldes como os autores estudados concebem?

Recebido: 15/8/2013